

ESPÓLIO DE UMA SEPULTURA LUSO-ROMANA DE POMBALINHO (SANTARÉM) (1)

Por
JORGE DE ALARCÃO

As peças que publicamos neste artigo constituem o espólio de uma sepultura luso-romana de incineração, descoberta em Pombalinho (Santarém), talvez em 1898 ou 1903. Com efeito, *O Século* de 11 de Julho de 1898 noticiou: «Numas escavações que estão fazendo em Pombalinho, para edificação de uns lagares e adegas, tem aparecido bastas ossadas humanas, algumas moedas antigas e imagens de santos» (2). Na etiqueta de papel que têm algumas das peças deste espólio lê-se, porém, a seguinte indicação: «Pombalinho, Sepultura. Santarém. 1903». Não sabemos se 1903 é o ano do achado ou o da incorporação das peças no Museu.

O espólio desta sepultura foi oferecido pelo Barão de Almeirim ao Museu Etnológico (3).

Leite de Vasconcelos conseguiu ainda adquirir para o Museu outros objectos achados em Pombalinho, mas fora da sepultura. Assim uma estatueta de Fortuna, que descreveu nestes termos: «A

(1) Agradecemos ao Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, a autorização que nos concedeu para estudarmos este espólio. Temos a mesma generosa autorização para publicarmos todos os vidros romanos daquele Museu, o que faremos em sucessivos artigos nas páginas desta revista. Os desenhos que ilustram este artigo são da autoria do Senhor Dario de Sousa, com excepção dos dois primeiros.

(2) A notícia foi republicada n' *O Archeologo Português*, V, p. 338.

(3) J. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, III, Lisboa, 1913, p. 187, nota 5 e p. 278, nota 2.

estatueta, que é obra do séc. I ou II, appareceu em Pombalinho (Santarém), num local onde se tem encontrado vários restos romanos; adquire-a há tempos para o Museu Ethnologico, por intermédio do meu nobre amigo o Sr. Francisco de Moura Coutinho, que sabendo da existência deste objecto, e havendo reconhecido a sua importância, se apressou a dar-me a notícia d'elle. A deusa está diademada, como a antecedente (*estatueta de Lameiranche, freguesia de Parceiros da Igreja, concelho de Torres Novas, a que Leite de Vasconcelos acabara de referir-se*), e também vestida de *tunica e palla*, mas alem de ter mutilados os membros anteriores, apresenta-se com asas (*Fortuna alata*)» (4).

Também nas terras à volta da sepultura appareceram onze moedas romanas de bronze, que têm no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia o número 16.160. Sob os números 16.162 A-D há quatro pequenas peças de bronze ou cobre com a indicação *Mesma procedência* (?), assim descritas no inventário: «uma lâmina com quatro orifícios; uma aca de suspensão; um prego ou cravo sem cabeça; um cilindro». Dada a incerteza da sua exacta procedência não as publicamos neste artigo. Também não publicamos as peças inventariadas sob o número 16.163, encontradas na mesma sepultura, mas de reduzido interesse. Trata-se de um prego e uma escápula de ferro que não foi, aliás, possível localizar no Museu.

Leite de Vasconcelos attribuía esta sepultura ao século II d. C., como se depreende das notas que publicou sobre as garrafas 1 e 2 deste artigo, notas que abaixo transcrevemos. A nossa conclusão é a mesma: trata-se de sepultura do século II, talvez da primeira metade deste século.

1 — GARRAFA

Vidro transparente, verde-sombrio, com muitas bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.

(4) Leite de Vasconcelos, ob. cit., p. 306-307. A estatueta é reproduzida na fig 142-a da mesma obra.

Completa e intacta; com concreções calcárias, sobretudo na boca, e leitosidade; bastante riscada pelo uso.

Corpo de secção quadrada; ombros altos e arredondados, gargalo troncocónico; bordo repuxado para fora e revirado para dentro; asa larga, bífida. Tem sinais de modelação na base do gargalo. A base apresenta, em relevo, no interior de um círculo, um homem de frente e um cavalo a caminhar para a esquerda. Sobre o cavalo, a marca ¶CEH. Na ficha de inventário existente no Museu o nosso H da marca é interpretado como SÆ⁽⁵⁾. Os cantos são ocupados por pequenos relevos que servem de pé e lembram, na sua forma, fruteiras.

Altura: 152 mm. Diâmetro máximo: 95 mm. Espessura do vidro: 4-7 mm.

Número de inventário: 16.152.

Esta garrafa foi publicada sumariamente por Leite de Vasconcelos, que a descreveu assim: «Este frasco, em cujo fundo há uma figura e umas letras, faz parte do espólio de uma sepultura de incineração, e foi-me oferecido pelo Sr. Barão de Almeirim; é análogo a uns que apareceram na Belgica juntamente com moedas do século II da era christã: vid. Annales de la Soc. d'Arch. de Bruxelles, XVIII, 386 e cfr. XIX, 56»⁽⁶⁾.

Do lugar da Azinheira (Golegã), há no Museu Municipal de Torres Novas uma garrafa semelhante que publicámos em 1963⁽⁷⁾. A garrafa da Azinheira é mais baixa que esta de Pombalinho mas pode talvez ter sido soprada no mesmo molde. Em 1963 pareceu-nos que a marca devia ler-se ¶CEPI; mas logo em 1964, ao referirmo-

(5) Também num desenho de Jorge Colaço existente no Museu e reproduzido por Saavedra Machado em «Alguns subsídios para uma iconografia do Prof. Leite de Vasconcelos e do seu Museu (Recordações, figuras e correspondência). 1912-1920», *Petrus Nonius*, VI (1943), p. 80. J. Colaço figurou o homem com uma palma na mão esquerda, numa interpretação que nos parece duvidosa mas digna, todavia, de consideração.

(6) Ob. cit., p. 187, nota 5. A garrafa é reproduzida na fig. 79-a, vista de lado. O fundo não é ilustrado.

(7) J. e A. Alarcão, «Quatro pequenas colecções de vidros romanos», *Revista de Guimarães*, LXXIII (1963), p. 371-373.

-nos a estas duas garrafas numa comunicação apresentada ao III Congresso das Journées Internationales du Verre, corrigimos a leitura para QCEH⁽⁸⁾. Tipològicamente, estas garrafas pertencem ao fim do século I ou à primeira parte do II d. C., como já em 1963 afirmámos.

2 — GARRAFA

Vidro transparente, entre verde-relva e verde-sombrio, com bolhas de ar.

Completa e intacta; com leitosidade, concreções calcárias, picado incipiente, irisão esmaltada e ranhuras profundas que atravessam toda a espessura do vidro.

Corpo de secção quadrada; gargalo troncocónico; bordo em amêndoa, repuxado para fora e depois revirado para dentro; asa larga, bífida. Tem no fundo, em relevo, inscrito num círculo, um busto de Mercúrio com caduceu aparecendo detrás do ombro esquerdo e pétaso. Aos cantos, quatro meias esferas servem de pés.

Altura: 160 mm. Diâmetro máximo: 85 mm. Espessura do vidro: 2,5-8 mm.

Número de inventário: 16.153.

Esta garrafa foi também sumàriamente descrita por Leite de Vasconcelos: «um vaso de vidro, proveniente do Pombalinho, e hoje no Museu Ethnologico, do typo reproduzido supra, p. 187, fig. 79 a (*é a garrafa anterior deste nosso artigo*), em cujo fundo se estampou um busto semelhante ao da lucerna (refere-se o autor a uma lucerna publicada n'*O Archeologo Português*, II, 27), estando, porém, o caduceo encostado ao ombro esquerdo (vid. fig. 130 a), — talvez do séc. II». E em nota acrescenta: «Em Portugal não conheço outros exemplares de vasos de vidro estampado senão os de Pombalino.

⁽⁸⁾ J. Alarcão, «Formes peu communes de la verrerie romaine au Portugal», *Annales du III Congrès des Journées Internationales du Verre, Damas, 1964, Liège*, s. d. (1965), p. 60.

No Museu Ethnologico Português há também um fundo de vaso d'essa espécie, que eu trouxe de Roma. O vaso de Pombalinho foi-me offerecido para o Museu pelo Sr. Barão de Almeirim, a quem não é esta a única vez que me refiro na presente obra. (Cfr. supra, p. 187 e n.º 5)» (9).

Como a anterior, esta garrafa, de tipo Isings 50, deve atribuir-se aos fins do século I ou à primeira metade do II d. C. Não conhecemos nenhum fundo com motivo idêntico a este.

3 — BOIÃO

Vidro transparente, verde-sombrio, com filandrado e algumas impurezas negras.

Completo e intacto; com concreções calcárias e ligeira irisão; picado e riscado pelo uso.

Corpo esférico; base côncava; bordo revirado para fora e para baixo, tubular.

Altura: 92 mm. Diâmetro máximo: 101 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 16.154.

Este boião cabe no tipo 68 de Isings, comum nos fins do século I e na primeira metade do II d. C., embora o seu fabrico se tenha mantido, mas menos abundante, no III e no IV (10).

4 — BOIÃO

Vidro transparente, verde-sombrio, com algumas bolhas de ar e impurezas negras.

Completo e intacto; com concreções calcárias, ligeira leitosidade e leve irisão; picado.

(9) Leite de Vasconcelos, ob. cit., p. 278. O fundo desta garrafa é reproduzido na fig. 130-a.

(10) J. e A. Alarcão, «Quatro pequenas colecções de vidros romanos», *Revista de Guimarães*, LXXIII (1963), p. 377-378.

Corpo alto de secção quadrada, ligeiramente apertado na parte superior para formar um colo largo, bordo revirado para dentro, tubular. A base tem, em relevo, um losango de lados côncavos e pontas cortadas, com meias esferas nas angras. Na ficha de inventário desta peça, existente no Museu, acrescenta-se a propósito deste motivo ornamental da base: «com uma sigla (?) dentro.» Não é claro se no centro do losango existe um pequeno rectângulo, mas seguramente não existe nenhuma letra.

Altura: 138 mm. Diâmetro da boca: 65 mm. Espessura do vidro: c. 1 mm.

Número de inventário: 16.155.

Podemos classificar este boião como de tipo 13 de Morin-Jean. Segundo o autor, todas as variantes, aliás numerosas, pertencem ao Alto Império. O nosso boião aproxima-se muito do de Vierville (Eure-et-Loire) que Morin-Jean reproduz; este boião tem na base um quadrado de través com um círculo ao centro. Fremersdorf atribuiu ao século II dois boiões do mesmo tipo, embora nenhum seja paralelo exacto do de Pombalinho ⁽¹¹⁾.

5 — UNGUENTÁRIO

Vidro transparente, verde-sombrio, com muitas bolhas de ar e impurezas negras.

Completo e intacto; com concreções calcárias e irisão; picado.

Reservatório triangular, baixo; fundo côncavo; gargalo alto e cilíndrico; bordo repuxado para fora e revirado depois para dentro, tubular.

Altura: 138 mm. Diâmetro máximo: 90 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 16.156.

(11) Morin-Jean, *La verrerie en Gaule sous l'empire romain*, Paris, 1913, fig 40.
F. Fremersdorf, *Das naturfarbene sogenannte blaugrüne Glas in Köln*, Colónia, 1958, est. 124.

Este unguentário cabe no tipo 82 B2 de Isings. No Oriente parece ser um tipo da segunda metade do século II e do III e IV d. C. (12). No Ocidente, porém, há exemplos de fins do século I e dos inícios do II d. C. (13).

6 — UNGUENTÁRIO

Vidro transparente, entre verde-gelo e verde-sombrio, com bolhas de ar, filandrado e estrias resultantes da soflagem.

Completo e intacto; com ligeira leitosidade, leve picado e concreções calcárias.

Reservatório bulbiforme; fundo ligeiramente côncavo; gargalo alto e cilíndrico; bordo tubular, repuxado para fora e para baixo e depois revirado para cima e para dentro.

Altura: 180 mm. Diâmetro máximo: 100 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Número de inventário: 16.157.

É um unguentário do tipo do anterior, embora com ligeira variante do reservatório. Publicámos um muito semelhante encontrado numa sepultura do concelho de Constância atribuível aos fins do século I ou aos inícios do II d. C. (14).

7 — GARRAFA

Vidro transparente, muito ligeiramente tingido de verde-sombrio, com algumas bolhas de ar, ligeira pedra e pequenas impurezas negras.

Completa e intacta; irisada e picada.

(12) Vessberg, *The Swedish Cyprus Expedition*, vol. IV, part 3: *The Hellenistic and Roman periods in Cyprus*, 1940-1948 (1955), p. 59.

(13) Isings, *Roman glass from dated finds*, Groningen, 1957, p. 99.

(14) J. e A. Alarcão, «Sepultura luso-romana descoberta no concelho de Constância», *Musev*, Segunda Série, 10 (1966), p. 5-12, n.º 7.

Corpo cilíndrico; fundo côncavo; gargalo estreito; bordo tubular e horizontal, repuxado para fora e depois revirado para dentro sobre si mesmo.

Altura: 102 mm. Diâmetro: 46 mm. Espessura do vidro: 1-2 mm.
Número de inventário: 16.158.

Não conhecemos nenhum paralelo exacto para esta garrafa, que só muito dificilmente se poderá incluir no tipo 102 de Isings, aliás de cronologia tardia, pois não há exemplos anteriores ao fim do século II d. C. Talvez se possa aproximar de um vidro encontrado em Las Eras (Albacete) e publicado por Sanchez Jimenez mas com ilustração deficiente⁽¹⁵⁾.

8 —

Peça de barro fino, micácio, cor de tijolo.

Forma cónica, enrugada. Tem decoração de rodas dentadas estampadas.

Altura: 57 mm.

Número de inventário: 16.159 B (O número 16.159 A é uma cabeça de tibia carbonizada).

9 — ALMOFARIZ

Mármore.

Taça baixa, circular, com três pegadeiras sobre o quadrado e um vertedouro sem comunicação com a taça. O pilão, também de mármore, tem a forma de bota.

Dimensões do almofariz — Altura: 38 mm. Diâmetro (sem as pegadeiras): 190 mm.

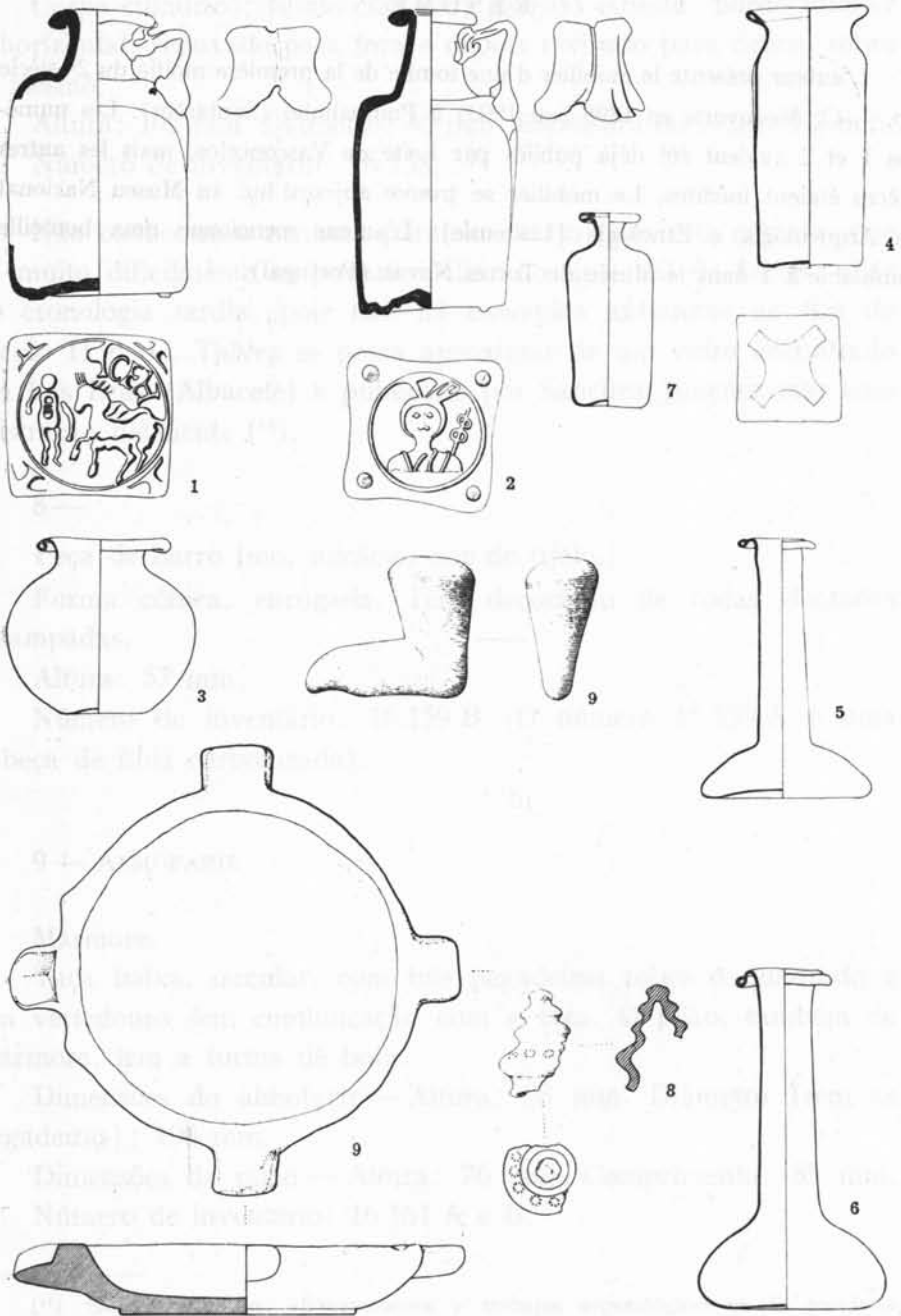
Dimensões do pilão — Altura: 76 mm. Comprimento: 85 mm.

Número de inventário: 16.161 A e B.

⁽¹⁵⁾ Sanchez Jimenez, «Excavaciones y trabajos arqueológicos en la provincia de Albacete, 1942-6», Comisaría General de Excavaciones Arqueológicas, *Informes y Memorias*, 15 (1947), p. 112, est. LXIX e.

RÉSUMÉ

L'auteur présente le mobilier d'une tombe de la première moitié du 2^e siècle ap. J.-C. découverte en 1898 (ou 1903) à Pombalinho (Santarém). Les numéros 1 et 2 avaient été déjà publiés par Leite de Vasconcelos, mais les autres pièces étaient inédites. Le mobilier se trouve aujourd'hui au Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisbonne). L'auteur mentionne uma bouteille semblable à 1 dans le Musée de Torres Novas (Portugal).



Escala: 1:4